

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: JOSÉ OSMAR DE MELO

TÍTULO: A POÉTICA DA RUÍNA EM VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ, DE LIMA BARRETO

AUTORES: JOSÉ OSMAR DE MELO, JOSÉ OSMAR DE MELO

PALAVRA CHAVE: LIMA BARRETO, INCOMUNICABILIDADE, MORTE

RESUMO

Quais são as figurações da morte tornadas possíveis pela literatura? Como escrever a finitude, apresentando, sob forma de texto, a ruína? Em que medida os textos literários, ao lidar com lacunas e hiatos, acabam por deixar à mostra o espetáculo da dor? Qual é a relação entre morte e linguagem? Em que medida a escrita da morte esvazia mitos e, ao mesmo tempo, constitui uma afirmação e uma libertação para o homem? Estas são as questões que foram abordadas neste estudo sobre Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, de Lima Barreto, com vistas a mostrar a estreita relação entre escrita e morte no romance. A literatura, por seu turno, parece ter sabido sempre que a morte e a escrita caminham lado a lado, pois, oscila, contraditoriamente, entre o perecer da memória e o desejo de conservar, de resguardar o passado do esquecimento. A escrita seria, então, uma espécie de grande recurso – sentimento de que não nos sentimos bem em parte alguma. Ela seria, pois, a única pátria? Talvez por isso a literatura seja uma criatura eutanásica, pois é nessa espécie de reesvaziamento, perpetrado pela escrita, que o extinto encontra seu modo de presença e sua forma de vida. E assim é porque a literatura talvez seja a aventura, o exercício e a astúcia diante da imediatidade perdida, pois se revela na consciência de ser uma criação da escrita. O objetivo deste trabalho será, portanto, mostrar estas questões na estrutura do romance de Lima Barreto, pois morte e escrita caminham lado a lado em Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, de Lima Barreto. E isto já é patente no frontispício do livro, cujo título chama a atenção do leitor, que fica na expectativa de encontrar um relato biográfico mediante uma sequência cronológica da vida à morte. Entretanto, à medida que o leitor procede à leitura da trama do romance, tudo se mistura e se transforma: a narrativa anunciada, linear, cronológica, dinamiza-se em fragmentos disparatados e na apreensão de instantes reveladores, reflexivos e críticos. E aí se nota que o título do livro é enganador, pois não diz respeito àquilo que prometera, pois vida e morte no plano da narrativa se convertem em exercício de elaboração literária, conduzido por um eu enunciativo que possui plena consciência do caráter ficcional de sua obra, ao transferir para o narrador a responsabilidade do relato. Ou seja, o narrador, máscara-disfarce do autor, desde o início, já implica o leitor nas vias tortuosas e enganosas da linguagem para refletir, a partir da perspectiva do pessimismo, da solidão, da finitude e do sentimento de emparedamento existencial, sobre as figurações da morte sob o olhar desenganado do narrador-protagonista e do narrador-personagem. A natureza da pesquisa é bibliográfica. Para tanto, foram lidos, a fim de bem subsidiar a análise do texto literário, definido como corpus da pesquisa, os principais autores que discorrem, em suas respectivas obras, sobre incomunicabilidade, pessimismo e a relação entre escrita e morte, como, por exemplo, Deleuze, Derrida, Foucault, Barthes, Clément Rosset e Maurice Blanchot, autor fundamental para esta pesquisa, pois sua obra é uma profunda reflexão sobre a relação entre escrita e morte. Ademais, este filósofo pensa a literatura como experiência-limite, ou a experiência literária como o próprio limite, viés que se coaduna com o romance de Lima Barreto, cujo processo de escritura manifesta-se, ao que parece, como experiência-limite, pois, para que a obra fale, o escritor se retira. Por isso, nada na escrita do Gonzaga de Sá pressupõe uma ordenação, seja espacial, temporal ou temática, pois, no romance, não há ação, não há enredo e nem há conclusão. O autor carioca, já no início do século XX, parece pensar a literatura não como um sistema, como a concebe a historiografia literária, mas como algo que habita o terreno do improvável. O Gonzaga de Sá, ao que parece, é uma prova disso em sua própria estrutura romanesca, pois se caracteriza pela ambiguidade e pela ambivalência ao lidar, no plano da enunciação, com as figurações da morte na configuração do enredo e das personagens do romance. Foram lidos, também, os estudos teóricos mais significativos sobre a obra de Lima Barreto, principalmente os referentes a Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, tais como Lima Barreto e o espaço romanesco, de Osman Lins, que mostra a importância do espaço nos romances limabarretianos, sem, contudo, inserir esse espaço no espaço mais amplo das relações sociais, porém o que nos interessou no ensaio deste autor foram os capítulos que tratam da temática da incomunicabilidade, sobretudo dos seus personagens e, principalmente, do protagonista Gonzaga de Sá e do narrador Augusto Machado – mulato deslocado –, por cujos olhos e por cujas mãos chegam ao leitor os trechos do livro e da cidade, onde moram os dois amigos, ambos solitários e questionadores do ser humano no mundo, num quadro social leviano, indiferente e adverso. Vida e morte de Gonzaga de Sá corresponde, nesse aspecto, à escolha de mediações entre literatura, sociedade e história pouco coladas ao "real". O romance presta-se melhor a esse tipo de procedimento, por recortar o espaço do Rio de Janeiro, promovendo a crítica social a partir dos diversos lugares de onde se fala; O romance de Lima Barreto, de Maria do Carmo Lanna Figueiredo, que acompanha e comenta as diferentes leituras da fortuna crítica da obra limabarretiana, entre outros. Por fim, pode-se dizer que esta pesquisa pode, ainda, contribuir para a fortuna crítica de Lima Barreto, ainda hoje muito atual e ainda pouco estudado e pouco lido nos colégios e universidades de Minas. Portanto, poderá servir de referência para estudos de alunos do Ensino Médio e de Letras, pois, além de possibilitar-lhes um avanço no conhecimento da literatura, poderá propiciar-lhes amadurecimento da consciência crítica e da capacidade de leitura, não apenas do texto literário, mas também da complexidade da construção de uma trama narrativa.